

## **Isabela Figueiredo**

Escritora e professora.

### **Como é que definirias o teu trabalho artístico?**

Interessa-me a mudança, a evolução, o crescimento cívico e humano. O meu trabalho parte de mim, mas é virado para fora, para o outro, que é onde quero chegar. Quero pôr os dedos nas feridas, não para as fazer doer, mas para dizer “atenção, está aqui uma ferida, vamos observá-la, cuidar dela.” Há um sentido pedagógico nisto. Eu adoro Portugal. Ao contrário do discurso comum, observo que somos um povo muito forte, cheio de nervo, criatividade e com uma capacidade de adaptação enorme. Tenho muito a dizer-nos neste aspeto, até porque como sou um bocado estrangeirada, por ter nascido e vivido os primeiros anos em África, consigo ver-nos de fora para dentro. O meu trabalho é sobre o que fomos, o que somos enquanto indivíduos e povo. É uma reflexão e uma procura de caminho. E aquilo que vejo é bom. O meu trabalho é muito honesto, idealista e um bocado inocente, mas não faz mal que assim seja.

### **Como se estabelece a relação entre o poético e o político no teu trabalho?**

Por osmose, exatamente como na minha vida. A minha vida está condenada a ser muito política, porque observo, penso, opino, insurjo-me, sou voluntariosa e decidida. Estou sempre em conflito, mas é um conflito positivo, que procura soluções. É a luta própria de quem está a viver e se recusa a uma posição passiva. A poesia surge de todo o lado, porque ela vive connosco. É uma energia despreconceituosa, de uma verdade que vê bem demais e corre o risco de cegar. Se não a descobrimos é porque não estamos despertos, porque não

fomos ensinados a vê-la. A minha vida quotidiana, a minha pequena vida, as coisinhas excêntricas que faço, o que digo às minhas cadelas quando estamos sentadas ao sol, está tudo cheio de poesia. No outro dia, sentei-me na varanda a ler poemas a um pombo que recolhi com a asa partida, para ele não se sentir só. Quando me apercebo da poesia, sorrio e fico feliz. A minha escrita bebe aí.

**Como valorizas o impacto real e a influência política da tua obra na sociedade?**

Faz-me essa pergunta daqui a dez anos. Agora consigo só dizer isto: o *Caderno de Memórias Coloniais* pôs a questão da memória recente na agenda política. Hoje, todos falam sobre colonialismo, racismo, descolonização, mas não antes do *Caderno*. Já é alguma coisa, mas não me basta.

**Em termos de intervenção política no espaço público, existem numerosos casos de criação artística de elevada ressonância. Há algum exemplo que consideres especialmente significativo na actualidade?**

Gosto muito do movimento *street art*. Este país está cheio de jovens talentosíssimos. Os bairros da Margem Sul guardam tesouros. Mas há um artista que faz arte mural com restos de lixo, de quem gosto muito. Chama-se Bordalo II.

**Isabela Figueiredo** é escritora e professora. Nascida em Lourenço Marques, Moçambique, veio para Portugal em 1975 na condição de retornada. Os seus primeiros textos foram publicados em 1983 no DN Jovem, suplemento já extinto do Diário de Notícias. Além de numerosos contos em revistas, publicou até agora: *Conto é como quem diz* (1988, Prémio da Mostra Portuguesa de Artes e Ideias), *Caderno de Memórias Coloniais* (2009) e *A Gorda* (2016, Prémio Urbano Tavares Rodrigues 2017). É autora dos blogues [O Mundo Perfeito](#) e [Novo Mundo](#).